

**Prefeitura Municipal de Campinas
Secretaria Municipal de Saúde
Seminário : Os desafios na atenção à criança**

MANIFESTAÇÕES DA CRIANÇA DIANTE DO VIVER : SER CRIANÇA HOJE

**por Maria Nurymar Brandão Benetti
Primavera 2004**

1.Introdução

Ao ser convidada para falar sobre o que é ser criança hoje – pelo que agradeço –, a primeira coisa em que pensei foi: o que é ser gente hoje.

Há aspectos extraordinários no mundo de hoje em termos de acesso a informações e a tecnologia que podem representar facilidades e conforto, mas também podem representar obstáculos e sofrimentos.

Tomemos, por exemplo, as informações.

Por um longo período, as notícias nos chegavam muito tempo depois da ocorrência dos fatos, o que nos mantinha num limiar de alienação, e, de certa forma, nos poupava de sermos expostos a desgraças e sofrimentos.

Hoje, há um verdadeiro bombardeio de notícias, freqüentemente sangrentas, no exato momento em que elas acontecem e que nos envolvem e nos fazem sofrer por pessoas com as quais talvez nunca venhamos a fazer um contato direto.

Essas fontes de informações nos fazem saber, constantemente, que o que temos é insuficiente ou ultrapassado e que podemos ter algo melhor, mais eficiente e mais moderno. Só que para isso temos que dispor de recursos financeiros e, se não somos herdeiros de uma fortuna, temos que trabalhar muito para obtê-los.

Essas mesmas fontes de informações também nos indicam que há um modelo que deveremos seguir para sermos mais bonitos, mais elegantes, mais bem sucedidos e que, finalmente, nos prometem A FELICIDADE. E assim somos compelidos a seguir esses modelos, a menos que possamos pensar e ousar seguir rumos diferentes.

Supostamente somos adultos e temos capacidade de pensar e de termos nossas próprias idéias sobre o que é melhor para nós.

E as crianças? Que recursos espontâneos têm para digerir as informações e as exigências da sociedade atual que, a cada dia, mostram um brinquedo novo, uma mochila com determinada logomarca, uma roupa ou um calçado que devem ser comprados em determinada loja.

2. Como é uma criança.

Se nós olharmos as pinturas de Velazquez veremos as crianças retratadas como adultos em miniatura. Essa foi uma crença vigente por muito tempo. Mas paradoxalmente, “durante muitos séculos não se atribuía às crianças, antes de adquirirem a capacidade da fala, nenhum sentimento humano, mas unicamente certas possibilidades bastante estereotipadas de expressar necessidades elementares, as mesmas conferidas aos animais” (Eliaccheff, C. 1995).

As crianças muitas vezes despertam nos adultos sentimentos ambivalentes e dúvidas: são sabidas demais ou são ingênuas? Podem ser enganadas ou são muito espertas? São inteligentes ou são tolas? Quem são as crianças?

Vários autores têm-se dedicado a estudar as características, as capacidades e limitações das crianças: Melanie Klein, Anna Freud, Françoise Dolto, Winnicott, entre muitos outros. São autores cujo pensamento muitas pessoas aqui presentes têm conhecimento.

No entanto, hoje, gostaria de propor uma reflexão existencial e observacional. Porque penso que os estudos científicos são referências e parâmetros muito importantes, mas muitas vezes têm um efeito iatrogênico. Se quisermos enquadrar a criança nos achados teóricos, seja de que autor for, estaremos nos afastando da criança viva sobre a qual nosso olhar está se voltando naquele momento. Tentando encaixá-la numa teoria, desvitalizamos sua originalidade de criança única.

Sabemos que a criança tem peculiaridades inerentes à cada fase do seu desenvolvimento, nem são adultos em miniatura, nem seres semelhantes aos animais. As crianças são frágeis, mas não são fracas. Possuem muitos recursos, físicos, mentais, emocionais, que, no entanto, estão em processo de desenvolvimento e de maturação e, por isso, necessitam de cuidados especiais. Aliás, esses cuidados, no Brasil, estão legislados desde 1990, através do estatuto da Criança e do Adolescente.

3. Como é a vida das crianças hoje.

Se nos detivermos a olhá-las, veremos que as crianças são seres que pensam e sentem de um modo peculiar. Têm vontade própria, mas têm necessidade de que os adultos lhes mostrem em que circunstâncias, de que modo e quando, podem realizar suas vontades. Se isso não ocorre, sentem-se muito solitárias e desamparadas.

Atualmente, as famílias são menores e há poucas oportunidades de contato entre seus membros. Não há mais o almoço de domingo, na casa dos avós, onde se encontravam tios e primos e onde brigas e manifestações de afeto propiciavam à criança um sentimento de família viva e aconchegante. Os membros das famílias, hoje, moram em lugares afastados, às vezes por milhares de quilômetros. No domingo, nem a pequena família se reúne, porque hoje, no domingo, se trabalha, fora ou dentro de casa. Não há

tempo para fazer almoço, então se come no restaurante ou na lanchonete que é mais rápido. Ou não há almoço.

No dia a dia, nas famílias em que a mãe sai para trabalhar, mas tem recursos para ter uma empregada doméstica, é com ela que as crianças ficam, até a hora dela ir embora. O incrível é que essas empregadas que ficam com essas crianças, deixam seus filhos em mãos de terceiros para serem cuidadas. Então, quando elas vão buscar os próprios filhos nas creches, as crianças que tinham a sua companhia até aquele momento, ficam com a TV, com o vídeo game, com o computador até a mãe ou o pai chegarem. Ficam com máquinas das quais recebem informações, impressões, muitas vezes difíceis de serem digeridas e compreendidas, mas com as quais têm que se haver sozinhas. Também não podem procurar a companhia de amigos, porque ir para a rua brincar com outras crianças envolve riscos reais relativos à segurança.

Se a família é mais abastada, o atendimento da criança é terceirizado: o motorista leva para a aula de karatê, de ballet, de computação, de inglês, para o dentista, onde vai ajustar o aparelho, para a psicoterapia, para a fono, para psicopedagoga, para o RPG. Aliás, a agenda da criança está tão cheia que, quase precisaria de helicóptero para cumprí-la. E eu me pergunto a que horas ela brinca.

O irônico é que os filhos são abandonados por zelo. Os pais querem lhes dar o melhor, em termos de habitação e de oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento. Querem preparar o seu futuro, para entrarem num vestibular em uma boa Universidade e para isso é preciso dinheiro que, na maioria dos casos, é conseguido com o trabalho dos pais. Só que trabalhar para o FUTURO da criança, implica em deixar a criança só, HOJE, em contato com máquinas ou com pessoas que não são da família.

Quando os pais chegam do trabalho, muitas vezes mortificados pela culpa em função do abandono vivido pelos filhos, estão tão cansados que não suportam as perguntas da criança ou o seu desejo de ter alguma atenção. Ficam irritados com “mais uma reivindicação”, pois trabalharam o dia inteiro para os filhos terem um bom FUTURO – mas, AGORA, não podem usufruir do seu amor, da sua companhia.

Por outro lado, se a família é extremamente carente, as faltas e privações que a criança vive são tantas que as frustrações são, às vezes, intransponíveis e podem levar à contravenção. Porque essas crianças também sofrem o efeito das ofertas e “provocações” da economia consumista. E os pais delas estão igualmente trabalhando pela sobrevivência ou estão imersos no alcoolismo, no desamparo, na miséria.

Com essas reflexões, não pretendo ser mensageira do apocalipse, nem quero voltar a tempos em que a participação profissional da mulher era impensável e sua contribuição social se restringia a cuidar da casa e dos filhos. Aliás, quero dizer que, muitas vezes, uma mãe que fica vinte e quatro horas por dia com a criança e está amargurada por frustrações profissionais e/ou outras, possivelmente terá menos condições de ser uma boa companhia para o filho do que uma mãe que trabalha na justa medida e chega em casa satisfeita. É uma questão de qualidade de presença, não de quantidade.

O meu intuito é propor uma reflexão construtiva que estimule a criatividade para encontrar meios de manter uma presença viva dos pais com a criança, de modo que ela sinta que pode contar com eles em qualquer situação, porque eles estão presentes e a acolhem em suas dúvidas e necessidades, especialmente afetivas – ainda que não ao vivo, o tempo todo. E aí entram os celulares como atenuantes da distância e da ausência.

O fato é que não há soluções mágicas. Nenhum compêndio tem a resposta para nossos filhos. É o bom senso que impera. As informações podem ser referências úteis, mas não são fórmulas a serem seguidas à risca. Penso mesmo que muitas vezes, essas informações têm um efeito negativo, porque pretendem ensinar os pais como educar seus filhos e eles tentam seguir esses ensinamentos que não dão certo e aí se sentem desesperados e sem saída. E as crianças, por sua vez, ficam mais perdidas ainda, porque se vêm diante de adultos que elas esperavam que lhes dessem amparo e eles não sabem o que fazer com elas.

4. A criança com déficit de atenção e com hiperatividade.

O tema do nosso encontro, hoje à tarde, são alterações da criança nas áreas da concentração e da atividade. Penso que os seres humanos são um conjunto psicossomático e seja qual for a nossa especialidade, não podemos jamais perder de vista essa dupla dimensão. Trata-se de um todo harmônico, um não é mais importante do que o outro e, por isso mesmo, cada um desses aspectos merece uma atenção especializada.

Coerentemente com essa posição, penso que deve haver componentes neurológicos, bioquímicos, eletroquímicos nesses distúrbios, bem como alterações emocionais presentes que merecem ser socorridas.

As reflexões que fiz sobre a vida atual das crianças acrescenta grandes entraves à capacidade de se concentrar, seja pela angústia de se sentirem desamparadas, quando uma dificuldade se apresenta e elas não tem a quem recorrer, seja pela multiplicidade de estímulos a que estão constantemente sujeitas. Um dos derivativos das situações de angústia é a agitação. E, ainda que alterações orgânicas conduzam a esses sintomas, os sofrimentos emocionais estão presentes, potencializando-as e tem que ser levados em consideração.

5. Perspectivas.

Penso que é possível encontrar modos de viver dentro do mundo atual e usufruir do que é bom, apesar das adversidades e de, de fato, não haver soluções mágicas para ajudar as crianças a se desenvolverem.

Os pais erram muitas vezes e acertam outras tantas. Encontrar um caminho satisfatório, significa repensar, repensar e repensar. Apertou demais, solta, soltou demais, aperta. A medida previamente estabelecida, não existe. Ela é decidida no ato mesmo da vida, a cada momento, regida pelo bom senso e pelo amor dos pais. Vale mais aprender com os filhos sobre quem são eles e como são eles, do que ler um livro que fale de uma criança

hipotética.

A televisão é boa, o computador é bom, o veideo game é bom. Mas essas máquinas não são babas eletrônicas, nem devem ser as únicas fontes de estímulo para as crianças. Elas podem compor parte das atividades da criança, assim como o livre brincar, com objetos simples e com outros seres humanos da idade delas ou não. Podem brincar com os pais também. Se menos culpados e mais espontâneos, podem brincar com prazer com seus filhos. Simplesmente porque o lúdico é agradável, não por ser “educativo” ou para desenvolver alguma habilidade. E isso não significa que os pais têm que ficar muitas horas brincando com os filhos e não podem descansar ou fazer as suas coisas. Brincar um pouco com prazer é tão satisfatório que não demanda tanto tempo quanto os pais fantasiam. Aliás, se em determinado dia os pais estiverem cansados ou indispostos, podem comunicar isso aos filhos que, acredito, compreenderão.

Finalizando, mas sem imaginar que essas reflexões sejam suficientes, são apenas um início, diria que fica mais fácil ser criança hoje, se puder ter pais sinceros, amorosos, espontâneos e presentes. E se lhe for permitido desenvolver prazer lúdico, a capacidade de criar, de observar e de admirar-se com a natureza e, é claro se puder aprender a compartilhar a vida com outras pessoas.